

OS GUARDIÕES DO FAROL



«Uma estreia soberba, que é um misto de thriller e história de terror, com toques de sobrenatural e uma impressionante análise psicológica. Tudo envolto numa escrita perfeita.» *THE GUARDIAN*

EMMA STONEX

Bestseller do *Sunday Times*

TOP
SEL
LER

Para IFTS e KMS

Nota da Autora

Em dezembro de 1900, três faroleiros desapareceram da remota ilha de Eilean Mòr, nas Hébridas Exteriores. Chamavam-se Thomas Marshall, James Ducat e Donald MacArthur. *Os Guardiões do Farol* foi inspirado nesse acontecimento e escrito para honrar a memória desses homens. Todavia, é uma obra de ficção, sendo que não existe qualquer semelhança entre as personagens aqui retratadas e as vidas e personalidades desses homens.

*Ficámos ali um instante, ainda em silêncio,
E com um mau pressentimento olhámos
Para a porta antes de a escancararmos
E trocarmos a luz do Sol pela escuridão.*

WILFRID WILSON GIBSON, «Flannan Isle»

*Dois homens diferentes; há tanto tempo que sou
dois homens diferentes.*

TONY PARKER, *Lighthouse*

I



1972

1

RENDIÇÃO

Quando Jory abre as cortinas, o dia está claro e cinza, e na rádio passa uma canção mais ou menos conhecida. Ouve a notícia de uma rapariga que desapareceu numa paragem de autocarro, mais a norte, e dá um gole no chá. A pobre mãe deve estar fora de si — e com razão. De cabelo curto, saia curta e olhos grandes: é assim que imagina a rapariga, a tremer de frio, e uma paragem vazia onde alguém deveria ter estado, a acenar ou encharcado, e o autocarro encosta e arranca, sem nada saber, e o passeio negro brilha sob a chuva.

O mar está calmo, como um espelho, como sempre acontece após uma tempestade. Jory abre a janela e o ar fresco é quase sólido, algo comestível, a tinir por entre as casas de granito como um cubo de gelo num copo de vidro. Não há nada como o cheiro a mar, nada que se lhe possa comparar: salgado, puro, como vinagre guardado no frigorífico. Hoje, permanece silencioso. Jory já enfrentou mares ruidosos e mares silenciosos, mares agitados e mares calmos, mares onde o barco em que navegamos mais parece o último pestanejar da humanidade num enrolar tão resoluto e encolerizado que passamos a acreditar naquilo em que não acreditamos, tal como o mar ser o ponto mediano do caminho entre o Céu e o Inferno, ou o que quer que exista lá em cima e o que quer que se oculte nas profundezas. Certa vez, um pescador dissera-lhe que o mar tinha duas caras. Tens de aceitar

ambas, acrescentara ele, a boa e a má, e nunca voltar as costas a nenhuma delas.

Hoje, após tanto tempo, o mar está do seu lado. Irão fazê-lo hoje.



É ele quem decide se o barco se faz ao mar ou não. Mesmo que o vento sopra favorável às 9 horas da manhã, não significa que as condições se mantenham uma hora depois, e se, por exemplo, digamos, ele observar ondas com um metro e vinte no porto, já sabe que essas ondas terão doze metros junto da torre. Aquilo que observa em terra será dez vezes pior junto ao farol.

O novo faroleiro tem 20 e poucos anos, cabelo louro e usa óculos com lentes grossas, que lhe fazem os olhos pequenos e inquietos; faz lembrar a Jory uma criatura mantida numa jaula com o fundo coberto de serradura. Ali está ele, no molhe, com as calças à boca de sino, as bainhas coçadas e escurecidas pelo mar oscilante. Às primeiras horas da manhã, reina a calma no desembarcadouro; um homem passeia um cão e um contentor de leite é descarregado. A gélida pausa entre o Natal e o Ano Novo.

Jory e a tripulação içam as provisões do rapaz — embaladas em caixas de cartão vermelhas da Trident House, contendo roupa e comida para dois meses, carne fresca, fruta, leite de verdade, não leite em pó, um jornal, uma caixa de chá, tabaco *Golden Virginia* — e descem-nas com a ajuda de uma corda, tapando depois a carga com lona. Os faroleiros vão ficar satisfeitos: têm passado as últimas quatro semanas a comer estufado enlatado e a ler as notícias do *Mail* que a última embarcação de apoio lhes levou.

Nos baixios, a água eructa algas, que as laterais do barco sorvem e deglutem ruidosamente. Com os sapatos de lona molhados e Tateando as laterais como um cego, o rapaz sobe a bordo. Sob um dos braços, carrega um embrulho atado com uma guita — livros, um leitor de cassetes, cassetes, objetos que o ajudarão a passar o tempo. O mais provável é ser estudante; a Trident acolhe bastantes estudantes. Irá compor música; será o seu passatempo: lá em

cima, na lanterna, a pensar que a vida devia ser sempre assim. Todos precisam de ter uma atividade, principalmente nas torres — não se pode passar o tempo a subir e a descer as escadas. Há uns anos, Jory conheceu um faroleiro que era exímio a fazer navios e a colocá-los no interior de garrafas; ocupara-se a fazê-los durante quase toda a estada, e, no final, eram objetos admiráveis de se ver. Depois, mandaram instalar televisores, e esse faroleiro deitou tudo ao mar — lançou literalmente todas as ferramentas pela janela —, e, a partir desse dia, ocupou os momentos livres a ver televisão.

— Já faz isto há muito tempo? — pergunta-lhe o rapaz. Jory responde que sim, que faz aquilo há mais anos do que aqueles que o jovem deve ter. — Nunca pensei que conseguíssemos — declara o rapaz. — Estou à espera desde terça-feira. Alojaram-me numa pensão na aldeia, e digo-lhe até que era muito confortável, mas eu já estava farto de lá estar. Olhava todos os dias pela janela e pensava: será que alguma vez sairei daqui? Aquilo é que foi uma tempestade! Devo confessar que não faço ideia de como será lá no farol quando apanharmos outra igual. Disseram-me que não sabemos o que é efetivamente uma tempestade até enfrentarmos uma em pleno mar e julgarmos que a torre se vai desmoronar sob os nossos pés.

Os novatos querem sempre conversar. São os nervos, deduz Jory, por causa da travessia e da incerteza do vento, por causa do desembarque e dos homens no farol; estará a indagar-se se irá dar-se bem com eles e como será o chefe. Ainda não se sente em casa; provavelmente, nunca se sentirá. Os substitutos vêm e vão; ora são colocados num farol em terra, ora num farol no meio do mar — movimentados pelo país como uma bola de *flipper*. Jory já viu muitos como ele, ansiosos por começar e absorvidos pelo romantismo da missão, que não é tão romântica quanto isso. Três homens sozinhos num farol no meio do mar. Não há absolutamente nada de especial nisso, nada mesmo; são apenas três homens e muita água. É necessária uma certa resistência para se aguentar estar enclausurado. Solidão. Isolamento. Monotonia. Nada que se aviste por quilómetros, além de mar, mar e mar. Sem os amigos. Sem mulheres.

Só os dois companheiros, dia após dia, e sem poder afastar-se deles. Isso pode levar qualquer um à loucura.

Espera-se dias ou semanas pelas rendições. Certa vez, um faroleiro esteve à espera durante quatro meses.

— Vais habituar-te ao tempo — diz ao rapaz.

— Assim o espero.

— E não ficarás tão aborrecido quanto o pobre idiota que já devia estar em terra.

Amontoada na popa, a tripulação contempla o mar com um ar desanimado. Fumam e resmoneiam, os dedos húmidos a molhar os cigarros. Podiam ser personagens de um quadro a óleo que representasse uma austera paisagem marítima.

— Estamos à espera de quê? — grita um deles. — Queres que a maré mude antes de zarparmos?

O engenheiro vai com eles, para consertar o rádio. Habitualmente, no dia da rendição, estabelece-se contacto com o farol umas cinco vezes, mas a tempestade cortou as comunicações.

Jory cobre as últimas caixas, liga o motor e levantam ferro. O barco oscila e balanceia na leve ondulação, como um brinquedo de banho. Um bando de gaivotas briga numa rocha coberta de lapas e uma traineira azul avança lentamente em direção a terra. À medida que a linha da costa se distancia, o mar torna-se mais agitado e as ondas verdes elevam-se, as suas cristas enchendo-se de espuma que logo se dissolve. Mais ao largo, as cores escurecem, o mar assumindo tons de caqui e o céu uma ameaçadora cor de lousa. A água embate e chapinha contra a proa; pérolas de espuma formam-se e dispersam. Com os olhos no horizonte e fumo a sair-lhe da boca, Jory morde um cigarro de enrolar que a algibeira achatou, mas que ainda se pode fumar. O frio provoca-lhe dores nas orelhas. Lá no alto, uma ave branca revolteia no céu vasto e monótono.

Consegue distinguir a Maiden por entre a neblina: um pico solitário, solene, distante. Encontra-se a 15 milhas náuticas de distância. Os faroleiros preferem assim, sabe-o; preferem estar longe o suficiente de terra para não a poderem avistar e, dessa forma, serem recordados do lar que deixaram para trás.

O rapaz senta-se de costas para a Maiden. Voltar as costas ao lugar para onde se dirige é uma forma estranha de começar, pensa Jory. Vê-o a afligir-se com um arranhão no polegar. Tem um ar imberbe e enfermigo, simplório. Mas todos os homens do mar necessitam de encontrar o seu arrimo.

— Já estiveste numa torre, rapaz?

— Estive em Trevose. E depois em St. Catherine.

— Mas nunca numa torre.

— Não, nunca.

— É preciso ter estômago para isso — observa Jory. — Também tens de saber dar-te com as pessoas, sejam lá elas como forem.

— Bom, quanto a isso, acho que não terei problemas.

— Claro que não. O teu chefe é um bom homem, e isso faz toda a diferença.

— E o que sabe acerca dos outros?

— Disseram-me que tivesse cuidado com o auxiliar. Mas ele tem mais ou menos a tua idade. De certeza que se irão dar bem.

— O que tem ele?

Jory esboça um sorriso ao ver a expressão no rosto do rapaz.

— Escusas de fazer essa cara. Contam-se muitas histórias, mas nem todas são verdadeiras.

O mar agita-se sob o barco, encapelando-se sombriamente, arremessando-se e elevando-se; a brisa acompanha, roçando a água, fazendo-a borbulhar e espalhar-se. Um borrião explode na proa e as ondas tornam-se mais pesadas e dissimuladamente mais profundas. Quando Jory era um rapazito, e apanhava o barco de Lymington para Yarmouth, gostava de espreitar por cima da amurada do convés e maravilhar-se com a forma como o mar operava discretamente, sem que nos déssemos conta, ou como um banco de areia se afundava e a terra se perdia, e, se caíssemos, ainda seria uma queda de uns bons 30 metros. Haveria peixe-agulha e cação-liso: vultos estranhos, inchados, brilhantes, com tentáculos macios e exploradores e olhos como berlindes turvos.

O farol aproxima-se, uma linha que se transforma num pilar, um pilar que se converte num dedo.

— Lá está ela. Maiden Rock.

Por essa altura, já se avista a mancha em redor da base, a cicatriz infligida pelo mau tempo e acumulada ao longo de décadas de domínio. Embora Jory já tenha feito aquele percurso inúmeras vezes, a aproximação à Rainha das Torres fá-lo sentir-se sempre da mesma maneira: melindroso, insignificante, talvez ligeiramente temeroso. Tem à sua frente uma heroica coluna de 50 metros, fruto da engenharia vitoriana. A Maiden agiganta-se, pálida e magnífica, contra o horizonte, um estoico bastião de segurança para os homens do mar.

— Foi uma das primeiras — conta Jory. — Construída em 1893 e destruída duas vezes antes de finalmente a acenderem. Diz-se que, quando as tempestades a atingem com intensidade e o vento se mete por entre as rochas, produz um ruído semelhante ao de uma mulher a gritar.

Os pormenores destacam-se sorrateiramente sob o céu cinzento — as janelas do farol, o anel de cimento sob a sala da lanterna e o estreito caminho de degraus de ferro que conduzem à porta de acesso.

— Conseguem ver-nos?

— Agora sim.

Contudo, enquanto o afirma, Jory procura a figura que contava ver à sua espera na zona de desembarque, o faroleiro chefe na sua farda da marinha com o boné branco, ou o auxiliar a acenar-lhes. Estariam a vigiar o mar desde o nascer do Sol.

Perscruta atentamente o caldeirão em redor da base do farol, avaliando qual será a melhor aproximação: se de popa, se à ré, se deita ferro, se deixa o barco ao sabor da maré. A água gelada põe a descoberto um amontoado de rochas afundadas; quando o mar volta a elevar-se, as rochas desaparecem; assim que recua, elas emergem como molares negros e brilhantes. De todas as torres, a Bishop, a Wolf e a Maiden são as de mais difícil acostagem, e, se Jory tivesse de eleger uma, seria certamente a Maiden. As lendas dos marinheiros contam que foi erigida nas mandíbulas de um monstro marinho fossilizado. Muitos foram os que pereceram durante a sua construção, e a linha de rochedos à flor da água

matou outros tantos marinheiros desviados das suas rotas. Ela não gosta de forasteiros e recebe toda a gente com frieza.

Todavia, Jory continua à espera de avistar um faroleiro ou dois. Não vão deixar desembarcar o rapaz a menos que apareça alguém no cais. Com a ondulação a descer três metros num minuto e a subir outros três no minuto seguinte, se perder o cais de vista, o cabo pode partir e o seu homem acaba a tomar um banho gelado. É uma tarefa complicada, mas é assim nos faróis por todo o lado. Para um homem habituado a viver em terra, o mar é uma constante, mas Jory sabe que isso não é verdade: o mar é volúvel e imprevisível, e apanhar-nos-á se não estivermos atentos.

— Onde estão eles?

É com dificuldade que escuta o grito do companheiro por cima do rugido do mar.

Faz sinal de que irão contornar o rochedo. O rapaz começa a ficar enjoado. O mecânico também. Jory devia tranquilizá-los, mas ele próprio não se sente muito tranquilo. Em todos os anos que foi à Maiden, nunca teve de levar o barco para as traseiras da torre.

O granítico farol ergue-se atrás deles em toda a sua dimensão. Jory estica a cabeça para a porta, 20 metros acima da água, de bronze duro e provocadoramente fechada.

A sua tripulação berra; chama pelos faroleiros e sopra um apito estridente. Lá em cima, lá bem no alto, a torre afunila em direção ao céu, e este, por sua vez, baixa o olhar sobre a pequena embarcação, perplexamente atirada de um lado para o outro. E lá está de novo aquela ave, a mesma que os seguiu. Às voltas sobre as suas cabeças, grasnando uma mensagem que eles não compreendem. O rapaz debruça-se sobre a amurada e oferece o seu pequeno-almoço ao mar.

Elevam-se, afundam-se; esperam e voltam a esperar.

Jory contempla a torre, erguida da sua sombra, e escuta o estrondo das ondas e o cuspir da espuma, o sorver e o marulhar sobre as rochas, e a única coisa que lhe ocupa os pensamentos é a rapariga que desapareceu e sobre a qual falavam na rádio, nessa manhã, e na paragem de autocarro, na paragem de autocarro vazia, e na chuva forte e inexorável.

2

ESTRANHO CASO NUM FAROL

The Times, domingo, 31 de dezembro de 1972

A Trident House foi informada do desaparecimento dos três faroleiros que estavam de serviço ao farol de Maiden Rock, a quinze milhas a sudoeste de Land's End: o faroleiro chefe Arthur Black, o faroleiro auxiliar William «Bill» Walker e o faroleiro ajudante Vincent Bourne. A descoberta ocorreu ontem de manhã e foi feita por um barqueiro local e pela sua tripulação quando tentavam desembarcar um faroleiro substituto e trazer o Sr. Walker para terra.

Não existe, até à data, qualquer informação sobre o paradeiro dos homens desaparecidos e não foi feita nenhuma declaração oficial. As autoridades deram início a uma investigação.

3

NOVE ANDARES

O desembarque prolonga-se por horas. Uma dezena de homens sobem a escada de ferro sentindo um sabor estranho na boca, a sal e a medo, as orelhas gretadas e as mãos ensanguentadas e geladas.

Quando alcançam a porta, encontram-na trancada por dentro. A laje de aço, construída para suportar o embate das ondas e dos ventos ciclónicos, tem agora de ser derrubada recorrendo à força muscular e a barras de ferro.

Um dos homens fica com tremores, tremores acompanhados de lividez, em parte resultantes da exaustão e em parte provocados pelo verme do desassossego que se colou a ele quando não apareceu ninguém para receber a embarcação de apoio de Jory Martin e a Trident House lhes ordenou: «Vão lá ver.»

Três dos homens entram na torre. Está escuro no interior e as suas narinas são assaltadas por um odor bafiento, próprio daqueles lugares, habitados e fechados. Não há muito para ver no armazém; formas volumosas ocultadas pela escuridão, cabos enrolados, uma boia de salvamento, um pequeno barco a remos suspenso virado ao contrário. Nada parece remexido.

Os oleados dos faroleiros encontram-se pendurados por entre as sombras, como peixes num anzol. Chamam-nos através de um buraco no teto, e as vozes ascendem pela escadaria em espiral: «Arthur! Bill! Vincent! Vince, estás aí? Bill?»

É arrepiante como as suas vozes de gente viva quebram o silêncio, um silêncio poderoso e obscenamente audível. Os homens não esperam resposta. A Trident informou-os de que se tratava de uma missão de busca e salvamento, mas é uma missão de procura de corpos. Quaisquer pensamentos que albergassem sobre uma possível fuga dos faroleiros dissipam-se. A porta estava trancada. Eles estão algures ali dentro.

«Retirem-nos discretamente», pedira a Trident. «Façam-no sem chamar a atenção de ninguém. Procurem um barqueiro que saiba guardar segredo; nada de alvoroços; nada de escândalos; ninguém precisa de saber. E certifiquem-se de que o farol está a funcionar. Por amor de Deus, alguém que se assegure disso.»

Os homens sobem, uns atrás dos outros. A parede do nível seguinte está revestida com detonadores e cargas para sereia de ar comprimido. Não há sinais de luta. Cada um dos homens pensa na sua casa, na sua mulher, nos filhos, se os tiver, no aconchego da lareira e de um toque nas costas: «O dia foi duro, querido?» A torre não é um lugar que conheça famílias. Conhece apenas três faroleiros — faroleiros esses que estão algures por ali, mortos. Onde encontrarão os corpos? Em que estado poderão estar?

Ascendem ao terceiro andar, onde se encontram os tanques de parafina; depois, ao quarto andar, onde guardam o petróleo para o bico da lâmpada. Um dos homens volta a chamar pelos faroleiros, tanto para afastar aquele injurioso silêncio como por qualquer outra razão. Não há o menor indício de uma retirada, nenhum sinal de fuga, nada que sugira que os faroleiros saíram dali.

Do depósito de combustível, passam para a escadaria, uma espiral de ferro fundido que acompanha a parede interior até à lanterna. O corrimão brilha. São uma raça estranha, os faroleiros, obcecados pelas complexidades do pormenor doméstico: polindo, organizando, limpando. Um farol é o local mais asseado onde alguma vez poderíamos entrar. Os homens inspecionam o latão à procura de impressões digitais, mas não encontram nenhuma: essa dedicação impede os faroleiros de tocar nos corrimões. Porém, se um deles estivesse com pressa, se um deles tivesse escorregado e sido obrigado a agarrar-se, se um deles se tivesse

esquecido devido a algum acontecimento terrível... Mas não há ali nada diferente do habitual.

Os passos dos homens soam como o rufar da morte, persistente e pesado. Já anseiam pela segurança do barco e pela promessa de terra.

Chegam à cozinha. Três metros mais à frente, um tubo de pesos¹ atravessa o centro do espaço. Os três armários encostados à parede contêm latas de comida, arrumadas com precisão: feijão cozido, favas, arroz, sopa, caldo em cubos, carnes frias, carne de conserva, pickles. Sobre o balcão, está um frasco fechado de salsichas tipo Frankfurt. Diante da janela, fica o lava-louça — torneira vermelha para a água da chuva, torneira prateada para a água potável — e uma tigela para a lavagem da louça deixada ao lado, a secar. Uma cebola mirrada permanece na cavidade entre as paredes interior e exterior, nas prateleiras que os faroleiros usam como despensa. Por cima do lava-louça, há um pequeno móvel com um espelho, usado como armário de casa de banho: os homens encontram aí escovas de dentes, pentes, uma embalagem de *Old Spice* e outra de *Tabac*. Ao lado, está um armário de cozinha contendo cutelaria, pratos e canecas, tudo bem organizado e arrumado com o já esperado nível de minúcia. O relógio de parede parou às oito e quarenta e cinco.

— Que diabo é isto...?! — pergunta o homem de bigode.

A mesa está posta para uma refeição que não foi servida. Dois lugares, em vez de três — uma faca e um garfo ao lado de cada prato vazio. Duas canecas vazias. Sal e pimenta. Uma bisnaga de mostarda e um cinzeiro, limpo. O balcão é de fórmica, em meia-lua, e encaixa-se na perfeição em redor do tubo de pesos; por baixo, vê-se um banco e duas cadeiras, uma delas com a espuma a querer evadir-se e a outra de esguelha, como se a pessoa que a ocupava se tivesse levantado de repente.

Outro homem, o que tapa a careca com o cabelo lateral, verifica o fogão de ferro fundido, para o caso de haver alguma coisa

¹ Tubo que corria verticalmente pelo interior do farol até ao nível da lanterna, contendo os pesos que moviam o mecanismo que fazia girar as lentes. [N. T.]

a aquecer no forno. Porém, o fogão está praticamente frio e, além disso, vazio. Escutam o mar lá fora, a suspirar contra as rochas lá em baixo.

— Não sei — responde, mais como uma temerosa admissão de ignorância do que uma resposta.

Os homens olham para o teto.

A verdade é que, num farol, não há onde uma pessoa se esconder. Em cada divisão, de cima a baixo, são dois passos até ao tubo de pesos e depois mais outros dois.

Sobem até ao quarto. Os três beliches acompanham a curvatura da parede e têm todos as cortinas abertas. As camas estão impecavelmente feitas, com os lençóis muito bem esticados, almofadas e cobertores beges, ásperos ao toque. Por cima, ficam dois beliches mais pequenos para visitas e uma escada de mão para se subir até lá. Por baixo da escada, existe um local de armazenamento com a cortina corrida. O homem da careca maldisfarçada sustém a respiração e abre-a, mas depara-se apenas com um casaco de couro e duas camisas penduradas.

Subindo os sete andares, encontram-se 30 metros acima do nível do mar. Na sala de estar, há um televisor e três poltronas já gastas. No chão, ao lado da poltrona maior, que presumem pertencer ao faroleiro chefe, veem uma caneca com dois dedos de chá frio no fundo. Atrás do televisor, está o cano da chaminé que vem dos andares inferiores. Talvez o faroleiro chefe pudesse aparecer-lhes naquele momento; estava na lanterna a limpar as óticas. Os outros também lá estavam, na varanda. Não ouviram quando os chamaram.

Ali, o relógio de parede mostra a mesma hora. Oito e quarenta e cinco.

Um portas duplas permitem o acesso à sala de manutenção, no oitavo andar. Seria plausível que os homens estivessem ali, mortos — a cavidade teria impedido que o cheiro se evadisse. Porém, como já antecipavam, está vazia. Já não lhes resta muita torre para explorar. Sobra apenas o nono andar. Nove andares revistados, e nove andares vazios. Lá no cimo, está a lanterna da Maiden, enorme, revestida por lentes tão frágeis quanto as asas de uma ave.

— E pronto. Desapareceram.

Nuvens plúmeas avançam pelo horizonte. A brisa refresca, mudando de direção e sacudindo as cristas brancas das ondas que se elevam. É como se os faroleiros nunca ali tivessem estado. Ou então subiram até ao topo do farol e voaram para longe.

II



1992

4

O ENIGMA

The Independent, segunda-feira, 4 de maio de 1992

ESCRITOR PLANEIA RESOLVER
O MISTÉRIO DE MAIDEN ROCK

O romancista Dan Sharp está determinado a descobrir a verdade por detrás de um dos grandes mistérios marítimos da nossa era. Sharp, autor de bestsellers de ação como *Eye of the Storm*, *Quiet Water* e *Dreadnought Down*, cresceu junto ao mar e há muito que este desaparecimento o intriga. Mergulhando pela primeira vez na não ficção, explica: «A história de Maiden Rock sempre me cativou, desde a infância. O meu objetivo é lançar uma nova luz sobre o assunto recolhendo testemunhos junto das pessoas que estiveram envolvidas.»

Há 20 anos, no inverno de 1972, três faroleiros desapareceram de uma torre no mar da Cornualha, a várias milhas de Land's End. Deixaram atrás de si uma série de pistas: uma porta trancada por dentro, dois relógios parados à mesma hora e a mesa posta para uma refeição que não ocorreu. O registo meteorológico do faroleiro chefe descrevia uma tempestade que ameaçava a torre, mas, inexplicavelmente, o céu tinha estado limpo.

Que estranho fado se terá abatido sobre estes homens? É isso que Sharp pretende descobrir. E acrescenta: «Este enigma

tem precisamente todos os ingredientes que um autor de ficção procura: drama, mistério, perigo no mar. Mas é real. Acredito que todos os quebra-cabeças podem ser resolvidos; é uma questão de procurar nos lugares certos. Estou convencido de que existe alguém que sabe mais do que julgamos.»

5

HELEN

É agora, pensou ela, ao vê-lo a estacionar ao fundo da rua. Era um *Morris Minor* verde-musgo com o tubo de escape a destacar-se na traseira como um cachimbo empertigado. Perguntou-se o que o levaria a conduzir um carro daqueles. Devia ser rico, a julgar pelo que se dizia dos seus livros — autor bestseller e essas coisas.

Identificou-o de imediato, embora ele não lhe tivesse facultado uma descrição física ao telefone. Talvez devesse ter-lhe pedido que se descrevesse, pois nunca era seguro abrir a porta a um estranho. Mas só podia ser ele. Envergava um casaco trespassado azul-marinho e exibia o semblante académico e severo de quem passava demasiadas horas curvado sobre manuscritos que o faziam perder a noção do tempo. Era mais novo do que ela imaginara. Não devia ter ainda 40 anos.

— Sai daqui — disse Helen, distraída, ao sentir os bigodes da cadela a roçarem-lhe a palma da mão. — Levo-te à rua depois. — Iria até ao bosque passeá-la. Acalmava-a pensar nisso: que haveria um depois.

O escritor trazia um saco de lona, que ela imaginou repleto de recibos e de isqueiros. Conseguia vê-lo o a viver numa casa com a cama por fazer e gatos a dormirem sobre a bancada da cozinha. Teria comido *Weetabix* ao pequeno-almoço, algo retirado de uma embalagem, mas o leite ter-se-á acabado e terá regado os cereais com um pouco de água. Imagina-o a fumar um cigarro

enquanto pensa em Maiden Rock e escrevinha as perguntas que pretende fazer.

Após tantos anos, Helen continuava a fazer aquilo. Construía uma avaliação baseada unicamente num primeiro olhar, antes de tudo o resto — o termo de comparação que usava para todas as pessoas novas que conhecia. Teriam perdido alguém, como lhe sucedera a si? Compreenderiam como ela se sentia? Estariam do seu lado, ou do outro lado, demasiado longe? Supunha que isso pouco importava em relação àquele homem: ele era escritor; podia imaginar a situação dela.

Embora nesse ponto Helen estivesse um pouco cética: como seria ele capaz de imaginar o que não podia ser imaginado? Para ela, era muito semelhante a cair. Sem peso. Descrente. Esperar ser amparada por alguém, mas sem que isso acontecesse, durante anos e anos; ela continuava a cair, e não havia resultados, não havia esclarecimentos nem desfechos. Essa palavra estava em voga agora — *desfecho* —, aplicada a pessoas cujos relacionamentos terminavam, ou que eram despedidas. Helen achava essas situações relativamente fáceis de enfrentar e de ultrapassar; não eram acontecimentos que nos empurrassem sobre um precipício e nos fizessem cair. Como perder alguém. Sem rasto, sem razão, sem vestígios. Como podia Dan Sharp, cuja especialidade eram as batalhas navais, o material de guerra e os homens que bebiam até perder os sentidos, imaginar tal coisa?

Helen desejava relacionar-se com outros como ela; identificá-los e ser igualmente identificada. Conseguiria perceber a sua perda nos seus rostos, não como algo óbvio, apenas uma ligeira amargura ou resignação — aqueles espíritos malignos que ela tentara afugentar durante tanto tempo. Dir-lhes-ia: «Compreende como é, não compreende? Sim, *compreende*.» Só Deus saberia o que lhe responderiam, mas, se não pudesse esperar pelo menos isso, um lado positivo no que dizia respeito à bondade e à compreensão, então de que serviria tudo aquilo?

Entretanto, os espíritos continuavam a enfiar-se por entre as suas roupas no armário, fazendo-a tremer quando se vestia de manhã, ou encontrava-os agachados nos cantos, a puxar as peles

dos polegares. Não tinha certezas, explicavam-lhe os psicólogos (há algum tempo que não ia a uma consulta), e a certeza era pelo menos um milímetro no qual se podia tocar.

Ali estava ele, a abrir o portão. Teve dificuldade em fechá-lo porque o trinco estava enferrujado. A música *Scarborough Fair* tocava no rádio da cozinha; a melancolia do tema deixava Helen um pouco atordoada. Toda aquela conversa sobre a espuma do mar e camisas de cambraia e um amor verdadeiro mais amargo do que doce. De vez em quando, a sua cabeça era visitada por pensamentos estranhos, sobre Arthur e os outros, mas, no geral, aprendera a mantê-los afastados. Os segredos que um farol poderia contar. Os dos homens estavam enterrados no mar, tal como os dela.

Helen recordava o marido em pensamentos fragmentados, escamas secas a revoltarem como as folhas que entravam pela porta da cozinha. Por vezes, apanhava uma delas e examinava-a com atenção, mas, geralmente, limitava-se a vê-las a rodopiar em volta dos seus tornozelos, perguntando-se onde iria arranjar energia para as varrer.

Após a sua perda, nada mudara. Continuaram a compor-se canções. Continuaram a ler-se livros. As guerras não terminaram. Viam-se casais a discutir junto aos carrinhos, no supermercado, entrando de seguida nos seus automóveis e batendo com a porta. A vida ia-se renovando, continuamente, sem compaixão. O tempo avançava no seu ritmo habitual, naquelas idas e vindas, começos e fins, progressões sensatas que colocavam as coisas no devido lugar, sem prestar atenção ao silvo no bosque, nos arredores da cidade. Começara como um silvo, soprado por lábios secos. Ao longo dos anos, foi subindo meio-tom, transformando-se numa nota alegre e contínua.

Essa nota soava naquele instante, com o toque da campainha. Helen enfiou as mãos nos bolsos do casaco de malha e enrolou um borboto entre os dedos. Apreciava aquela sensação de o enrolar sob a unha — algo doloroso que não era propriamente doloroso.

6

HELEN

Entre. Faça o favor de entrar. Peço desculpa pela desarrumação. É muito simpático da sua parte, mas não, não está. Aceita um chá, um café? Um chá, perfeito; com leite e açúcar? Claro, hoje em dia toda a gente toma o chá com leite e açúcar. A minha avó bebia-o só com uma rodela de limão, mas isso já pouco se faz. Posso oferecer-lhe uma fatia de bolo? Lamento, mas não é caseiro.

Então, é escritor. Isso é fascinante. Nunca tinha conhecido um escritor. É uma daquelas coisas que toda a gente diz poder vir a fazer um dia, escrever um livro, não é? Eu própria cheguei a pensar nisso, mas não sou escritora. Sei o que quero escrever, mas é difícil transmiti-lo, e presumo que seja essa a diferença. Após a morte do Arthur, toda a gente disse que seria bom verter os meus sentimentos para o papel, para que não ficassem na minha cabeça. Deve acreditar nisso, sendo uma pessoa criativa. Deve acreditar que ter algo criativo para fazer nos torna uma pessoa mais completa. Seja como for, nunca escrevi nada. Não sei o que poderia escrever que interessasse a um estranho.

Vinte anos, meu Deus, custa a acreditar. Posso perguntar o que o levou a escolher a nossa história? Se está à espera de que o meu marido tenha sido um homem másculo e robusto, como os dos seus livros, e que eu lhe vá contar uma história de missões e naufrágios, ou lá o que for, vai ficar desiludido.

Sim, é bastante estranho se acreditarmos nos boatos. Para mim, que estou por dentro e ligada ao que aconteceu, não há estranheza alguma; mas não se sinta mal por isso, não, ora essa. Não me importo de falar do Arthur; é uma forma de o manter vivo dentro de mim. Se eu tivesse fingido que nada tinha acontecido, já estaria com problemas há muito tempo. Temos de aceitar o que acontece na nossa vida.

Ouvi de tudo ao longo destes anos. Que o Arthur foi levado por extraterrestres. Que foi morto por piratas. Que foi chantageado por contrabandistas. Que matou os outros faroleiros, ou que foi um deles que o matou, e depois matou o outro e depois se suicidou — por causa de uma mulher ou de uma dívida, ou por causa de uma arca com um tesouro que dera à costa. Ouvi que foram assombrados por fantasmas ou raptados pelo governo. Ameaçados por espíões ou devorados por serpentes marinhas. Que enlouqueceram — um deles, ou os três. Que tinham vidas secretas, tesouros escondidos em plantações na América do Sul que só se encontravam com um daqueles mapas que têm uma cruz a marcar o lugar certo. Que foram de barco até Tombuctu e que gostaram tanto da cidade que resolveram ficar por lá... Quando aquele Lorde Lucan desapareceu, dois anos mais tarde, houve quem dissesse que ele tinha ido ter com o Arthur e com os outros a uma ilha deserta, presumivelmente com os pobres desgraçados que voaram sobre o Triângulo das Bermudas. Haja paciência! Tenho a certeza de que o senhor preferia uma história desse género, mas não passam de contos da carochinha. Já não estamos no seu mundo, estamos no meu, e isto não é um romance policial, é a minha vida.

Cinco minutos está bem para si? Como os minutos de um relógio, se pensar no bolo como um relógio — é o tamanho da fatia que lhe vou cortar. Passe-me então o seu prato; aqui tem. Devo confessar que nunca tive grande jeito para a cozinha. Parece algo que se espera das mulheres, embora eu não compreenda porquê. O Arthur sempre foi melhor do que eu nestas coisas. Sabia que eles aprendiam a fazer pão na formação? Aprende-se todo o tipo de coisas quando se é faroleiro.

De todas as torres, creio que a Bishop é a que tem o melhor nome. Soa muito imponente. Faz-me pensar na peça de xadrez, discreta e solene. O Arthur era um excelente jogador de xadrez, e, por isso, eu nunca jogava com ele, pois gostávamos ambos de ganhar, e nenhum queria ceder a vitória ao outro. Como faroleiro, era bom que gostasse de jogos porque há muito tempo para matar. Também é uma boa maneira de criar laços com os outros, um jogo de canasta ou de *gin rummy*. E o chá! Se um faroleiro é perito em alguma coisa, é em beber chá. Costumavam beber 30 canecas por dia. Em muitos faróis, a única regra existente era: quem está na cozinha faz o chá.

Os faroleiros são como qualquer outra pessoa. Irá acabar por descobrir isso mesmo, e espero que não fique desiludido. As pessoas de fora pensam na profissão como uma espécie de ocupação clandestina, uma vez que somos bastante reservados no modo como vivemos a nossa vida. Acreditam que estar casada com um faroleiro deve ser algo muito glamoroso, por causa do mistério que o trabalho envolve, mas não é nada assim. Se eu tivesse de resumir a nossa vida, diria que temos de estar preparados para longos períodos de separação e para curtos, mas intensos, períodos juntos. Os períodos intensos são como o reencontro de dois amigos que já não se viam há muito tempo, o que pode ser simultaneamente emocionante e desafiador. Durante oito semanas, fizemos as coisas à nossa maneira, e depois chega um homem à nossa casa e, de súbito, é ele o dono de tudo e temos de desempenhar uma posição subalterna. Pode ser bastante perturbador. Não se pode dizer que seja um casamento convencional. E o nosso não o era, definitivamente.

Se tenho saudades do mar? Não, de todo. Depois do que aconteceu, mal podia esperar para me afastar. Foi por isso que vim para cá, para a cidade. Nunca gostei do mar. Quando vivíamos nas casas dos faroleiros, estávamos cercados pelo mar. Era tudo o que víamos das janelas, para onde quer que nos virássemos. Por vezes, tínhamos a sensação de estarmos a viver num aquário. Em dias de tempestade, com os relâmpagos, era bastante espetacular, e os pores do Sol também eram muito bonitos, mas, no

geral, é tudo muito cinzento; o mar, grande e cinzento, e não se passa quase nada. Embora deva dizer que é mais verde do que cinzento, como a salva, ou como *eau de Nil*. Sabia que *eau de Nil* significa água do Nilo? Eu julgava que queria dizer água de nada, porque, de certa forma, é assim que o mar me faz sentir, e, por isso, penso nele dessa maneira. Água de nada.

Não faz mais sentido esta manhã do que no dia em que o Arthur desapareceu. Mas vai-se tornando mais fácil. O tempo concede-nos algum distanciamento para conseguirmos olhar para o que aconteceu sem sentirmos o que vivenciámos nessa altura; esses sentimentos acalmaram e já não se encontram em primeiro plano na nossa cabeça, como ao início. É estranho, porque há dias em que aquilo que encontraram no farol não parece tão peculiar — e eu penso: bom, uma onda mais violenta deve tê-los derrubado e afogado. Depois, noutros dias, parece-me tudo tão bizarro que chego a ficar sem fôlego. Existem alguns pormenores que não sou capaz de esquecer, como a porta trancada por dentro e os relógios parados; isso atormenta-me, e, à noite, se me ponho a pensar no que aconteceu, tenho de ser severa comigo própria e livrar-me desses pensamentos — caso contrário, nunca conseguiria dormir —, e recorro a vista sobre o mar da janela da nossa casa e parece-me tão descomunal e vazia e insensível que me vejo obrigada a ligar o rádio para ter companhia.

Creio que aquilo que veio a público foi o que acabei de lhe contar: que uma onda súbita os apanhou desprevenidos. Navalha de Ockham, é assim que se chama. A lei que dita que a solução mais simples é geralmente a melhor. Quando se tem um mistério para resolver, mais vale não complicar para lá da soma das suas partes.

A única explicação realista que pode ser dada é que o Arthur se tenha afogado. Se não concorda, então irá percorrer caminhos muito fantasiosos que incluem fantasmas e teorias da conspiração e todas as tolices de que já lhe falei, e nas quais algumas pessoas preferem acreditar. As pessoas acreditam em tudo e mais alguma coisa e, se lhes for dado a escolher, preferem as mentiras à verdade, pois as mentiras costumam ser mais interessantes. Como lhe disse, o mar não tem nada de interessante — não quando se

olha para ele diariamente. Mas foi o mar que os levou. Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Aquilo que precisa de saber sobre uma torre — já alguma vez esteve numa? — é que ela se eleva diretamente do mar. Não foi erigida numa ilha, em que existe uma parcela de terra onde pode caminhar ou plantar alguns vegetais, ou até ter algumas ovelhas ou o que quer que seja; e também não é um farol na costa, em que consegue estar perto da sua família, e, quando não está de serviço, pode ir à aldeia e fazer a sua vida normal, desde que não se esqueça das suas responsabilidades quando chegar a hora do seu turno. A torre está ali, alicerçada no mar, pelo que os faroleiros só podem permanecer no interior do farol ou cá fora, no desembarcadouro. Podemos correr à volta da base, se desejarmos fazer um pouco de exercício, mas depressa ficaríamos tontos.

Oh, claro, desculpe. A base é a plataforma sob a porta de entrada; rodeia toda a estrutura como um enorme *donut*. Fica cerca de seis ou dez metros acima da água, o que parece bastante, mas, se lá estiver e uma onda se elevar e o apanhar, é o fim. Já ouvi histórias de faroleiros que se sentam lá a pescar ou a observar os pássaros, outros que aproveitam para ler um livro. Tenho a certeza de que o Arthur o fazia, pois ele sempre gostou de ler; dizia que estar num farol era a sua oportunidade de aprender, e, então, levava todo o tipo de livros consigo — romances e biografias e livros sobre o espaço. Também se interessou por geologia — pedras e rochas, sabe? Apanhava-as e depois organizava-as. Dizia que lhe permitiam aprender sobre diferentes eras.

O que quer que se faça numa torre, o desembarcadouro é o único lugar onde é possível apanhar um pouco de ar fresco. Não podemos simplesmente pôr a cabeça fora da janela porque as paredes são demasiado grossas. Foram construídas com janelas duplas, sabia? Uma interior e outra exterior, com um metro ou um metro e meio a separá-las. Teríamos de nos sentar no pequeno espaço entre elas, e não creio que fosse muito confortável. Também se pode sair para a varanda que rodeia a lanterna, mas não é muito espaçosa, além de que isso exigiria uma cana de pesca bastante comprida, não era?

Um deles — e eu não gostaria de adivinhar qual, mas poderia muito bem ser o Arthur porque ele gostava de se afastar das pessoas e de passar tempo sozinho — apreciava estar na base. Pode ter ido para lá ler e o vento estar calmo, e, depois, sem nada que o fizesse prever, uma onda elevar-se e arrastá-lo. O mar pode fazer isso. Sei-o bem. O Arthur foi apanhado, certa vez, em Eddystone, logo ao início; tinha acabado de ser promovido a faroleiro assistente e estava lá fora a estender a roupa quando uma onda gigante se ergueu do nada e o derrubou. Teve sorte por o camarada estar por perto para o agarrar; caso contrário, eu tê-lo-ia perdido bem mais cedo. Apanhou um grande susto, mas ficou bem. O mesmo não se pode dizer da roupa; creio que não voltou a ver nem uma peça e teve de pedir roupa emprestada aos outros faroleiros até ser rendido.

No entanto, esse tipo de coisas não afetava o Arthur. Os faroleiros não são pessoas românticas; não têm nervos delicados nem ficam a matutar sobre os acontecimentos. O objetivo é manter a serenidade e fazer o que tem de ser feito. De outra forma, a Trident não os contrataria. O Arthur nunca teve medo do mar, mesmo quando estava turbulento. Contou-me que, numa torre, durante uma tempestade, a espuma das ondas pode chegar à janela da cozinha — não se esqueça de que estamos a falar de 20 a 25 metros acima do mar — e os pedregulhos rolam contra a base, que estremece e abana. Eu teria medo, creio. Mas o Arthur não; ele acreditava que o mar estava do seu lado.

Por vezes, quando vinha a terra, parecia deslocado. Como um peixe fora de água, é a descrição mais correta. Não sabia como agir aqui, ao passo que, no mar, sabia. Quando ele tinha de regressar à torre, eu despedia-me dele e sentia-o bastante satisfeito por voltar para lá.

Não sei quantos livros sobre o oceano o senhor publicou, mas escrever uma história tendo o mar como pano de fundo não é o mesmo que escrever como ele é verdadeiramente. O mar vira-se contra nós se não estivermos atentos: muda de ideias num piscar de olhos e pouco lhe importa quem derruba. O Arthur tinha lá os seus métodos de o prever, observando o formato das nuvens ou

escutando o som que o vento produzia contra a janela; pela forma como soava, era capaz de dizer se soprava com intensidade seis ou sete. Por isso, se um homem como ele, que era experiente nestas coisas, podia ser apanhado, isso prova que o mar é capaz de mudar subitamente. Talvez ele tivesse tido tempo para gritar, e os outros tenham saído a correr; mas o cais de desembarque é escorregadio, instala-se o pânico e não seria preciso muito para os três serem arrastados para o mar, pois não?

A porta fechada é um pormenor estranho; tenho de concordar com isso. Aquelas portas são grossos blocos de bronze próprio para canhões — têm de ser para aguentarem as investidas do mar — e podem fechar-se na nossa cara, facilmente. Quanto ao facto de estar trancada por dentro... Bom, esse é um dos pormenores que me atormenta. Mas, num farol, a porta tem umas pesadas barras de ferro que se colocam horizontalmente para que a porta não abra. Talvez as barras tenham caído quando a porta se fechou, caso tenha batido com força...?

Não sei. Se lhe parece uma fraca explicação, tente encontrar outra, e depois veja qual prefere quando começar a pensar nesses acontecimentos a meio da noite. Os relógios parados, a porta trancada e a mesa posta — deixam a imaginação a fervilhar, não deixam? Mas eu olho para esses pormenores de uma forma prática. Não sou supersticiosa. Quem quer que estivesse de serviço à cozinha nesse dia devia estar ocupado a pôr a mesa para a refeição seguinte: num farol, dá-se grande ênfase à comida, e os faroleiros cumprem religiosamente as rotinas. Quanto ao facto de haver apenas dois pratos, bom, talvez ele ainda não tivesse posto o terceiro.

E os dois relógios parados à mesma hora? Pois, é estranho, mas não é impossível. Talvez se trate de um daqueles rumores que acaba distorcido de cada vez que é repetido: uma qualquer cabeça brilhante inventou isso e, de repente, tornou-se um facto, e, se assim não for, trata-se apenas de alguém pouco prestável a dizer coisas perniciosas.

Tive esperança de que a Trident declarasse que os faroleiros se tinham afogado, para que não ficasse esta incerteza para as famílias, mas nunca o fizeram. Para mim, foi afogamento. Sinto-me

afortunada por ter chegado a essa conclusão, pois preciso disso, ainda que não seja a explicação oficial.

A Jenny Walker, a mulher do Bill, não concordaria comigo. Ela aprecia o facto de não haver uma conclusão sobre o caso. Se houvesse, isso roubar-lhe-ia toda e qualquer esperança de o Bill poder regressar. Eu sei que eles não vão voltar. Mas as pessoas lidam com as coisas como melhor lhes convém. Não podemos dizer a ninguém como deve fazer o luto; é algo pessoal e privado.

Ainda assim, é uma pena. Aquilo que nos aconteceu devia ter-nos unido. A nós, as mulheres. Mas aconteceu precisamente o contrário. Não vejo a Jenny desde o décimo aniversário do desaparecimento, e, mesmo nesse dia, não nos falámos. Nem nos aproximámos uma da outra. Gostava que não fosse assim, mas é o que temos. Não me impede de tentar mudá-lo. Acredito que as pessoas têm de partilhar estas coisas. Quando o pior acontece, não devem enfrentá-lo sozinhas.

Foi por isso que aceitei falar consigo. Porque diz que está interessado em publicar a verdade — e eu também, creio. A verdade é que as mulheres são importantes umas para as outras. Mais importantes do que os homens, e não é isso que vai querer ouvir porque este livro, tal como todos os outros, é sobre os homens, não é? Os homens interessam-se por homens.

Contudo, eu acredito que não deveria ser assim. Aqueles três deixaram-nos às três para trás, e eu estou interessada naquilo que ficou para trás. Naquilo que podemos fazer com isso, se ainda se puder fazer alguma coisa.

Enquanto romancista, presumo que irá explorar o lado da superstição. Mas lembre-se de que eu não acredito nessas coisas.

Que tipo de coisas? Ora, o senhor é que é o escritor; puxe pela cabeça. Ao longo de todos estes anos, apercebi-me de que existem dois tipos de pessoas. Aquelas que ouvem um rangido à noite, em casa, e fecham as janelas porque só pode ter sido causado pelo vento. E aquelas que ouvem um rangido à noite, em casa, acendem uma vela e vão ver do que se trata.

7

16 Myrtle Rise
West Hill
Bath

Jennifer Walker
Kestle Cottage
Mortehaven
Cornualha

2 de junho de 1992

Querida Jenny,

Já passou algum tempo desde a minha última carta. Embora não espere resposta, mantenho algum otimismo de que as minhas palavras sejam lidas. Gostaria de interpretar o teu silêncio como um sinal de paz entre nós — talvez até do teu perdão.

Queria informar-te de que aceitei conversar com o Sr. Sharp. Não foi uma decisão tomada de ânimo leve. Tal como tu, nunca revelei informações a estranhos. A Trident House deu-nos instruções precisas e nós seguimo-las.

Contudo, estou farta de segredos, Jenny. Vinte anos é muito tempo. Estou a envelhecer. Há tanta coisa que preciso de dizer,

tanto que suportei em silêncio, por muitas razões, durante todos estes anos, e tenho de as partilhar, por fim. Espero que compreendas.

Cumprimentos, como habitualmente, para ti e para a tua família,

Helen

**UM FAROL ABANDONADO.
TRÊS HOMENS DESAPARECIDOS.**

UM MISTÉRIO IMPOSSÍVEL, INSPIRADO NUMA HISTÓRIA REAL.

Na véspera de Ano Novo de 1972, um barco com dois tripulantes chega a Maiden Rock, um farol situado a quilómetros de distância da costa oeste da Escócia, para substituir um dos faroleiros. Porém, não se encontra ninguém no interior do farol para os receber. Os homens deparam-se com uma torre vazia e estranhos factos por explicar. A porta de entrada está trancada por dentro. Uma mesa foi posta para apenas duas pessoas. O registo meteorológico do faroleiro chefe descreve uma forte tempestade em redor da torre, apesar de o céu ter estado limpo naquela semana. E todos os relógios pararam às 8h45.

Vinte anos depois, as mulheres dos faroleiros desaparecidos recebem a visita de um escritor determinado a desvendar o mistério. Movendo-se por entre os testemunhos das três mulheres e as últimas semanas dos guardiões do farol, segredos de longa data, que apenas as ondas parecem ter testemunhado, começam a vir à superfície. Irá o mar revelar os segredos dos três desaparecidos e trazer alguma paz às suas mulheres?

«Um triunfo.» *DAILY MAIL*

«Inteligente.» *THE OBSERVER*

«Fascinante.» *THE INDEPENDENT*

«Um dos livros do ano.» *THE SUN*



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-739-2



9 789895 647392

Thriller